



CR

correio do povo rural

Coordenação: Elder Ogliari | rural@correiodopovo.com.br

Reportagem: Cíntia Marchi | Ano: 34 Número: 1.753

Confinamento confortável

CÍNTIA MARCHI

Criadores que adotaram o sistema Compost Barn, ainda incipiente no Brasil, observaram aumento da produção de leite desde que ampliaram o conforto térmico e a disponibilidade de espaço para as vacas se movimentarem dentro do galpão

Em 2015, o Rio Grande do Sul perdeu o posto de segundo maior produtor de leite do Brasil. Hoje, aparece atrás de Minas Gerais e Paraná, com um volume de 4,5 bilhões de litros por ano, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para retornar à vice-liderança, precisa encontrar formas de aumentar a produtividade do seu plantel. Uma das possibilidades, já em testes desde 2011 em várias regiões do País, é o uso de um novo tipo de confinamento, o *Compost Barn*. Diversos produtores gaúchos que já apostaram na prática acreditam que o sistema gera mais conforto e bem-estar animal com reflexos no aumento da produtividade. A experiência estará em discussão no 4º Fórum Itinerante do Leite, em Palmeira das Missões, em 25 de abril.

O pesquisador da área de Saúde Animal e Qualidade do Leite da Embrapa Gado de Leite, de Juiz de Fora (MG), Alessandro de Sá Guimarães, explica que o *Compost Barn*, que pode ser traduzido por “estábulo de compostagem”, chegou ao Brasil depois de ser adotado por produtores norte-americanos dos estados de Virgínia e Minnesota, no início dos anos 2000. O *Compost Barn* consiste em manter o rebanho leiteiro o tempo todo dentro de um galpão. O chão é coberto por uma “cama”, de serragem ou outro material orgânico de fácil disponibilidade, que também absorve a urina e as fezes dos animais. Pelo menos duas vezes ao dia, com o uso de um trator, essa cama tem que ser revolvida para facilitar a entrada de oxigênio e favorecer o processo de compostagem. Esse manejo ocorre quando as vacas são levadas para a ordenha.

A cama orgânica ajuda a evitar lesões de casco nos animais, ao substituir o piso de concreto usado no sistema de confi-

namento *Free Stall*. No *Compost Barn* as vacas não ficam retidas em baias e podem caminhar pelo galpão. Guimarães diz que o espaço que tem que ser disponibilizado é de 10 a 13 metros quadrados por animal, dependendo das características e do tamanho de cada raça. Os galpões também são equipados com ventiladores para aliviar o calor e manter seca a cama orgânica. De acordo com a Embrapa Gado de Leite, o investimento necessário para instalação do sistema varia entre R\$ 3,5 mil e R\$ 5 mil por vaca.

O veterinário Marcos Souza de Freitas, único produtor de leite a adotar o sistema até o momento no município de Santa Rosa, trabalha com o *Compost Barn* desde outubro do ano passado. Em quatro meses, já comemora o resultado. Atualmente, ele usa o galpão para acomodar 32 vacas Jersey – a capacidade máxima é para 60 animais. A produção média de cada vaca passou de 17 litros para os atuais 25 litros por dia. “No *Compost Barn* as tarefas são mais pontuais”, acrescenta.

Apesar de perceberem adesão crescente ao sistema tanto no Rio Grande do Sul quanto no Brasil, pesquisadores e veterinários ainda não dispõem de números que deem a dimensão desse aumento. A Embrapa Gado de Leite deve concluir neste ano uma pesquisa sobre o *Compost Barn* no Brasil. O levantamento começou em 2014, focado em fazendas da região Sudeste. Apesar disso, foram enviados questionários eletrônicos para propriedades de todas as regiões brasileiras. “Queremos publicar um material com recomendações técnicas para orientar os produtores”, adianta Guimarães.

É por conta da ausência da comprovação de dados que o vice-presidente do Conselho Paritário Produtores/Indústrias

de Leite do Estado (Conseleite/RS), Jorge Rodrigues, recomenda cautela a quem pensa em apostar na prática. “Podemos dizer que ainda é um investimento de risco, porque não temos o domínio dessa tecnologia. No Rio Grande do Sul tem muita chuva e sabemos que a umidade é um limitador”, alerta. Para Rodrigues, outro ponto que pode inviabilizar o sistema é a carência da matéria utilizada para a cama orgânica – geralmente, serragem. “O produtor tem que estar ciente de que vai ter que ter esse material sempre disponível”, adverte.

A professora de Medicina Veterinária da Unijuí, Denize Fraga, diz que tem crescido muito a opção pelo *Compost Barn* no Nordeste e Noroeste do Estado. “Em função de a soja ter se alastrado na região, os produtores passaram a procurar alternativa para o seu rebanho em áreas pequenas”, observa. Apesar da carência de estudos, este tipo de confinamento tem gerado resultados satisfatórios, segundo Denize. “É um sistema que proporciona mais conforto para o animal, porque reduz o estresse térmico, sobretudo no verão. É preciso ter em mente que a vaca necessita de água e alimento de qualidade, uma cama confortável e temperatura adequada. Disponibilizados esses itens, ela atinge o máximo de conforto e gera mais leite e mais renda para a propriedade”.

O presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Estado (Sindilat/RS), Alexandre Guerra, diz que a produtividade é fundamental para aumentar a competitividade dos produtores gaúchos. “Por estarmos mais distantes dos estados consumidores, nosso custo logístico é maior; e tem ainda a questão tributária, que impacta a nossa produção”, comenta.



Material deixado no chão deve ter consistência esfarelada, ser revirado diariamente e passar por renovação parcial ou substituição total de tempos em tempos

Sutilezas no manejo

A reposição de serragem e a substituição total da cama são momentos decisivos e podem determinar o sucesso ou fracasso da iniciativa

No *Compost Barn*, a qualidade do confinamento vai depender do manejo da cama orgânica. Esse é um ponto determinante para o sucesso ou fracasso da iniciativa. “O produtor tem que saber olhar a cama e avaliar se ela deve ser trocada ou não”, ressalta o pesquisador da Embrapa Gado de Leite, Alessandro de Sá Guimarães. A cama nunca pode estar compactada ou adquirir consistência pastosa. Deve, sim, se esfarelar na mão, indicando que está seca. Em regiões de clima muito úmido, os cuidados devem ser redobrados. A Embrapa também recomenda que, dependendo do clima, parte da cama seja renovada com a reposição de mais serragem a cada período de três a cinco semanas. “Ainda não há um estudo que indique de quanto em quanto tempo a cama tem que ser trocada totalmente”, comenta Guimarães.

Na propriedade de Sarah Waihrich Salles, em Júlio de Castilhos, a cama inteira só precisou ser substituída por serragem nova depois de quase dois anos da instalação do primeiro galpão. Hoje, são dois galpões com espaço para 370 vacas holandesas. “O bem-estar animal foi determinante para a nossa família optar por esse sistema”, conta Sarah, que já recebeu em sua fazenda inúmeras visitas de produtores de leite, veterinários e pesquisadores interessados em conhecer o *Compost Barn*. Antes de 2015, as vacas ficavam a pasto e eram tratadas nos cochos com silagem e ração. “Em poucos meses dentro do galpão começamos a perceber melhora em todos os índices. A produção aumentou, em média, de 6 a 8 litros por vaca”, contabiliza. O esterco produzido nos estábulos é utilizado nas lavouras da propriedade, gerando um ganho ambiental.

Para o presidente da Comissão de Sa-

nidade Agropecuária do Conselho Regional de Medicina Veterinária (CRMV/RS), Ricardo Bohrer, o *Compost Barn* traz vantagens quando se fala em sanidade. “No confinamento com piso de concreto as vacas apresentam muitos problemas de aprumo e lesões de casco. Com a cama orgânica isso praticamente termina. O conforto é muito grande e resulta em um aumento de 15% a 20% em produtividade”, estima. No acompanhamento dos sistemas de compostagem já implantados no Rio Grande do Sul, o veterinário diz que observou a redução de até 90% das ocorrências de mamite (inflamação nos tetos), pelo fato de as vacas ficarem sempre em ambiente seco. “É um sistema que só traz vantagens, mas, para isso, todas as regras e procedimentos devem ser seguidos na forma certa”, alerta Bohrer.

Para o veterinário gaúcho Jonas Baroni, que trabalha na área de reprodução do gado leiteiro no Departamento de Ciência Animal da *Michigan State University*, outra vantagem da cama orgânica é a qualidade do ar, uma vez que o uso da serragem ajuda a diminuir a concentração de amônia e, por consequência, reduz a temperatura do ambiente. “Uma pesquisa desenvolvida pelos holandeses mostrou que a serragem libera 200 miligramas de amônia, por hora, por metro quadrado, enquanto que a areia libera o dobro”, menciona Baroni, ao destacar a importância de se respeitar a metragem exigida por animal para evitar sobrecarga e a compactação da cama. “Mas, pelo que tenho conversado com produtores no Rio Grande do Sul, existe uma grande chance do *Compost Barn* inovar a pecuária gaúcha. O conforto proporcionado por esse tipo de instalação propicia muitos ganhos”.

EXPANSÃO NOS ESTADOS UNIDOS

O veterinário gaúcho Jonas Baroni, que trabalha há três anos nos Estados Unidos, conta que o *Compost Barn* é bastante disseminado em fazendas de leite de menor porte daquele país. Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, 70% das fazendas com menos de cem animais em lactação abrigam seus rebanhos em *Compost Barn* e *Tie-stall Barns* (em que os animais são criados em baias individuais). Baroni observa que uma estratégia comum entre os norte-americanos é priorizar, no *Compost Barn*, os animais com queda na imunidade ou aqueles que necessitam de mais conforto, como as vacas recém-paridas e animais de segunda lactação ou mais.

Segundo Baroni, produtores do estado de Kentucky também observaram o aumento da detecção do cio, tendo em vista o maior conforto térmico proporcionado pelo galpão. “Não existe uma forma mágica. É necessário um trabalho de reconhecimento da área rural e disponibilidade de alimento. Acredito que o *Compost Barn* seria uma excelente estratégia para o Rio Grande do Sul, porque, em muitos casos, os produtores sofrem com terrenos irregulares, sem sombreamento, os quais causam enorme estresse térmico e machucam os animais em produção. Os técnicos, veterinários e zootecnistas estão aptos a ajudar a introduzir o melhor sistema para cada propriedade”, complementa.

Satisfeito com a opção

Produtor de Dois Irmãos fez pesquisa antes de escolher o Compost Barn e agora contabiliza primeiros bons resultados

Há 18 anos, Amadeu e Leonice Rossa, moradores de Dois Irmãos, no Vale do Rio dos Sinos, deixaram suas atividades no setor calçadista para retornar ao ambiente onde foram criados, o campo. As economias do tempo de fábrica foram aplicadas em uma estrutura para o gado leiteiro e para a instalação de uma agroindústria de envasamento do leite. Como o negócio deu certo, Amadeu passou a buscar, nos últimos anos, informações sobre um novo sistema que poderia adotar para melhorar o conforto das vacas e, ao mesmo tempo, reduzir a mão de obra da família. “Li bastante sobre o *Free Stall*, mas vi que não era um sistema muito confortável. Os animais ficam se pisoteando, gera muitos dejetos, o gasto com água é grande e o piso acaba ficando sempre molhado”, avaliou.

Durante suas pesquisas, Amadeu descobriu o *Compost Barn* e considerou que esse era o modelo que atenderia suas exigências. Em maio de 2016, a família passou as vacas do pasto para dentro do galpão. Uma mureta de concreto em volta de toda a construção e o telhado com abas largas ajudam a evitar que a água da chuva molhe a cama, coberta por serragem. Duas vezes por dia, Amadeu usa o trator para revirar o material orgânico. O rebanho atual tem 54 animais da raça Holandês, mas ficam no estábulo de compostagem apenas as vacas que estão em baixa e alta lactação – aquelas em fase de pré-parto são abrigadas em uma construção separada. O espaço destinado para cada uma é de 13 metros quadrados.

Até o momento, o galpão gerou uma quantidade pequena de adubo que foi usado na lavoura de milho e na pastagem de verão. “Mas esse esterco, que não tem cheiro, despertou interesse de floriculturas da cidade, que já me procuraram”, conta o produtor, que não descarta a possibilidade de comercializar o adubo mais adiante.

Durante o verão, em parte do dia, o produtor tira os animais do galpão, já que a propriedade conta com sombra e córregos de água. No inverno, as vacas ficam o tempo todo confinadas. Além de ter percebido uma melhora na sanidade – problemas de mamite reduziram-se praticamente a zero –, Amadeu nota um aumento de produtividade. No sistema ante-



GUILHERME TESTA

rior, a média por vaca era de 20 a 21 litros de leite ao dia. Agora, varia entre 23 e 24 litros. Amadeu acredita que a produção tende a aumentar ainda mais à medida em que a reprodução das vacas e a sanidade também melhoram. Atualmente, a produção total oscila entre 700 e 1,3 mil litros por dia, dependendo do número de vacas em lactação. Todo o leite, na sua forma integral, é pasteurizado, envasado e distribuído no mercado local, um negócio que é promovido em parceria com a família do irmão de Amadeu.

Para o produtor, tão importante quanto o aumento da produtividade é a facilidade do manejo. “Antes tínhamos que buscar as vacas no pasto para a ordenha, fizesse chuva ou sol. Isso castigava muito. Agora, o *Compost Barn* reduziu pela metade nosso trabalho, gerou bem-estar para os animais e para as pessoas e menos dejetos para a natureza”.

Amadeu Rossa percebeu melhora na sanidade e aumento na produtividade das vacas desde que adotou novas práticas na propriedade

faleconosco@grupodb.com.br

(55) 3281.0123

/DagobertoBarosilloz

www.grupodb.com.br



Onde tem
TERRA PRODUTIVA,
tem calcário DB

O calcário DB possui alto índice de pureza e alto grau de finura facilitando a sua absorção e garantindo maior força no PRNT. Um produto que atende as necessidades da agricultura de precisão.



Produzindo com a natureza!

CENÁRIO POSITIVO PARA A PECUÁRIA DE CORTE EM 2017

JULIA EICHENBERG / DIVULGAÇÃO / CP



EDUARDO EICHENBERG
Presidente da
Conexão Delta G

Previsão de melhora na economia, com crescimento do PIB, juros mais baixos e inflação controlada, deve permitir um aumento do consumo de carne bovina no Brasil durante o ano

Em 2016, a forte retração da economia brasileira, com queda de mais de 3% do PIB, desemprego recorde e restrição ao crédito, prejudicou a demanda interna por carne bovina, em função da perda do poder de compra da população. Além disso, a valorização do real frente ao dólar e problemas políticos e econômicos em importantes países importadores da carne brasileira, como Venezuela, Rússia e Egito, afetaram negativamente as exportações – segundo dados da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec), as exportações cresceram quase 1% em volume, porém tiveram queda de mais de 7% em faturamento. Todos esses fatores contribuíram para que em 2016 o preço do boi gordo caísse em relação a 2015. Mesmo com todo esse cenário negativo, a pecuária se mostrou sólida e, no tocante à genética, o que se viu foi uma forte demanda por reprodutores ao longo de todo o ano, especialmente das raças sintéticas, como o Braford. Na temporada da primavera gaúcha, diversos leilões de associados da Conexão Delta G aumentaram a oferta de animais e, ainda assim, conseguiram, se não aumentar, ao menos manter as médias de 2015.

Para 2017, a previsão de melhora da economia brasileira, com aumento do PIB, juros mais baixos e inflação controlada, deve permitir um aumento de consumo. Há também uma grande expectativa de crescimento no mercado de carne pre-

mium, de maior valor agregado e destinada a um público menos suscetível a crises. Nas exportações, um dólar possivelmente mais valorizado frente ao real e um cenário econômico mundial mais favorável certamente trarão crescimento, tanto em volume como em receita. Além disso, é esperada nova queda nas exportações da Austrália, que ainda sofre com efeitos de condições climáticas adversas, o que também poderá beneficiar as exportações brasileiras. O próprio final de 2016 já se mostrou mais positivo. Em dezembro as exportações aumentaram, segundo a Abiec, 15% em volume e 9% em receita, em relação a novembro de 2016.

Tudo isso deve ter um reflexo positivo na pecuária de corte, com possível aumento gradual no preço do boi gordo. Esse fator, aliado a uma maior confiança na economia e a um aumento na concessão de crédito, deve estimular o pecuarista a seguir investindo, o que nos leva a crer que a demanda por genética seguirá aquecida em 2017, especialmente para animais oriundos de rigorosos programas de seleção. Independentemente do cenário econômico, o aumento de produtividade é fundamental na atividade pecuária, e isso passa pelo uso de reprodutores melhoradores, que realmente trarão ganhos ao rebanho, produzindo animais com maior potencial de ganho de peso, maior produção de carne, mais precoces, e mais adaptados às condições de produção brasileiras.

CURSO TÉCNICO EM AGRONEGÓCIO

O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) está com inscrições abertas para o processo seletivo deste ano. São 80 vagas no Polo Educacional de Cruz Alta e mais 80 no novo Polo Educacional de São Sepé. Interessados podem obter informações e se inscrever pelo site <http://etec.senar.org.br>, desde que tenham 18 anos ou mais e segunda grau completo, até 15 de fevereiro.

LEILÃO MANCHA CRIOLA

Oferta de 41 lotes de equinos da raça crioula de pelagem manchada. Entre os destaques está o garanhão Butiá Olodum, filho do campeão do Freio de Ouro de 1994, BT Butiá.

Data: 16 de fevereiro.

Local: Tatersal do Cavalo Crioulo do Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio.

2ª EXPO AGRO COTRICAMPO

Evento abrange os municípios da área de atuação da Cotricampo, que conta com 9 mil associados no Noroeste do Rio Grande do Sul, e terá palestras técnicas, apresentação de resultados de pesquisas de campo, venda de máquinas a demonstração de tecnologias, entre outros atrativos.

Data: 16 e 17 de fevereiro.

Local: Rodovia ERS 518, KM 1,5, em Campo Novo.

CURSO INTERNACIONAL DE MELHORAMENTO GENÉTICO DE BOVINOS DE CORTE DO PAMPAPLUS

Promovido pela Associação Brasileira de Hereford e Braford (ABHB), Embrapa Pecuária Sul, Embrapa Gado de Corte e o Nespro, da UFRGS, evento reúne especialistas de diversas instituições de pesquisa do Brasil e do exterior para levar aos produtores, técnicos e estudantes uma visão prática do trabalho de melhoramento animal.

Data: 16 e 18 de março.

Local: Unipampa, em Uruguaiana.

Nasceu e viveu naquelas várzeas. E agora, depois de dias e dias de estafante jornada, trotando, caminhando, cortando campos e passando por antigas estradas, está a vê-las de novo. E por isso chora. Não se preocupa, está sozinho, ninguém enxergará essas lágrimas sentidas. Lá está o açude onde desde muito novo brincou com a mãe. E olha, lá perto da restinga, o cocho ao lado do umbu solitário, onde comia com os amigos e, depois, nas impetuosas manhãs de setembro, corria para lá e para cá, em disparadas, aproveitando o vento na cara em suas melenas jovens. Sim, eram potros sem dono na flor da idade, guapos, livres e nativos daquelas invernadas.

Depois, bueno, quanta água rolou, quanto casco na estrada, meses se cansando em matagais, enchando o pelo dia e noite em aguaceiros. Quanta saudade no lombo. Eram gritos diferentes, um gado diferente, um charco e um calor estranho. Ainda lembra daquele caminhão que um dia chegou bufando e nele foram encaixotados à força, a laço, a gritos e a mangas. Foram muitos dias de estrada. O destino não importa. Era uma terra seca, árida e árida. E lá os homens eram hostis, mal-educados, não fez amizade com ninguém. Ele e os demais foram tratados como jamais haviam sido. E os usaram para tudo, sem dó, nas mais diversas lidas.

Até que um dia decidiu pular a cerca. Isto ele lembrava desde os tempos da Vila Rica. Era a brincadeira preferida de um antigo companheiro, dono de bolicho, que largava tudo para estar com ele. Juntos, cruzavam várzeas, riachos, coxilhas, estradas de chão, invernadas, tu-



CAMPEREADA

PAULO MENDES

pmendes@correiodopovo.com.br

Adubo



ALDO SESSA / REPRODUÇÃO DO LIVRO GALICHOS / CP

do, tudo mesmo. Aquele sim era um bueno amigo para a lida de campo. Guri ainda, mas já um homem na forma de tratar, no jeito de falar, e sempre trazia um mimo de amigo para amigo. Então, ficava ali, bem na porteira à espera, à espreita do amigo que às vezes demorava, mas sempre vinha. Quase sempre de freio e pelego na mão. E ganhavam o mundo, os dois, como uma dupla haragana sem destino. Ele e o amigo, depois de muito galopar, buscavam as velhas sangas e suas inseparáveis pitangueiras. O amigo sempre levava um livro para ler e recitar poemas ao entardecer. Ele, que não sabia ler, ficava ao lado olhando placidamente o sol colorado indo embora, tingindo de púrpura aquelas lindas tardes do Sul.

Então enxerga ao longe o umbu solitário e ali deita, pois o corpo se mostra extenuado, os músculos estão exaustos, e, enfim, se dá conta que está velho, muito velho. Com os olhos rente ao chão percebe que ali não existe mais campo, só uma enorme lavoura. Ouve o ronco de um trator e não se importa, se estica todo sobre a terra em que nasceu. Como está dentro de um baixio, uma espécie de cova na terra fofa, quando o trator aparece nem dá tempo de fugir. Uma roda enorme estoura-lhe a cabeça e tudo finda. Lá em cima, na cabine, o tratorista, escutando música sertaneja moderna em seu celular com fones de ouvido pensa “é só uma pedra”.

No outro dia, uma plantadeira passa espalhando sementes de soja sobre seu corpo inerte. E ele, que voltou já matungo velho para rever sua querência, morto, não tem nem o direito de saber que veio apenas para servir de adubo para a mais badalada commodity do rincão.

COTAÇÕES & MERCADO

PREÇOS AO PRODUTOR (em R\$) – Emater

Produto	Unidade	Mínimo	Médio	Máximo
Arroz em casca	saco 50 kg	46,00	48,53	52,00
Feijão	saco 60 kg	130,00	191,70	360,00
Milho	saco 60 kg	25,00	27,67	37,00
Soja	saco 60 kg	60,50	65,47	70,00
Sorgo	saco 60 kg	25,50	29,63	34,00
Trigo	saco 60 kg	27,00	28,26	31,20
Boi gordo	kg vivo *	4,90	5,08	5,40
Vaca gorda	kg vivo *	4,20	4,54	4,80
Suíno	kg vivo	3,03	3,38	4,30
Cordeiro p/ abate	kg vivo *	4,90	5,52	6,00
Leite	litro	0,90	1,12	1,70

Semana de 06/02/2017 a 10/02/2017 | * Prazos de 20 ou 30 dias

BRASIL

Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2015/16	Safra 2016/17
Arroz	10.603,0	11.865,2
Feijão	2.512,9	3.276,7
Milho	66.530,6	87.408,6
Soja	95.434,6	105.558,2
Trigo	6.726,8	5.649,3

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2015/16	Safra 2016/17
Arroz	2.008,0	1.942,5
Feijão	2.837,5	2.993,4
Milho	15.922,5	16.515,1
Soja	33.251,9	33.776,1
Trigo	2.118,4	2.118,4

RIO GRANDE DO SUL

Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2015/16	Safra 2016/17
Arroz	7.356,6	8.475,4
Feijão	122,0	125,2
Milho	5.892,7	5.634,3
Soja	16.201,4	15.381,0
Trigo	1.464,2	2.497,0

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2015/16	Safra 2016/17
Arroz	1.076,0	1.100,7
Feijão	67,9	75,4
Milho	823,0	804,9
Soja	5.455,0	5.493,2
Trigo	861,3	776,9

Dados do 5º Levantamento de Safra da Conab